


Arquitetas em nome do pai, do filho e do marido

Architects in the name of the father, the son and the husband

Arquitectas en nombre del padre, del hijo y del marido

Andréa Halász Gáti, doutora em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe).

E-mail: andrea.gati@ufpe.br  ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1858-0037>

Para citar este artigo: GATI, A. H. Arquitetas em nome do pai, do filho e do marido. *Cadernos de Pós-Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 96-106, 2021. DOI 10.5935/cadernospos.v21n2p96-106

Submissão: 2020-08-31

Aceite: 2021-02-05

Resumo

O somatório de bens materiais e renda, escolarização, relações sociais e *status* configura poder e privilégio, isto é, distinção. A teoria de Pierre Bourdieu é ratificada e atualizada pela antropóloga Mariza Corrêa (2003) que discorre sobre a distinção obtida por meio do sobrenome distinto, muitas vezes herdado do pai ou do marido, quando adquirido por conta do casamento, refletindo em benefícios ou prejuízos gerados a partir do renome ou da renomeação. Sabendo-se que, durante muito tempo, a arquitetura foi um campo majoritariamente masculino, apresentamos, por meio de estudo de caso, uma análise da contribuição masculina familiar na inserção e no reconhecimento profissional, complementada pela intervenção dos mestres na formação acadêmica. Analisamos a trajetória da arquiteta pernambucana Myriam

Pessoa de Melo para verificar de que forma sua carreira profissional foi influenciada ou até mesmo direcionada pelo pai, filho, marido e pelos professores.

Palavras-chave: Myriam Pessoa de Melo; Arquitetura moderna; Gênero.

Abstract

The sum of material goods and income, schooling, social relations and status constitute power and privilege, that is, distinction. Pierre Bourdieu's theory is ratified and updated by anthropologist Mariza Corrêa (2003) who discusses the distinction obtained through the distinguished surname, often inherited from the father, or the husband, when acquired through marriage, reflecting on benefits or losses generated by this renaming. Knowing architecture as for a long time mostly a male field, we present, through the case study, an analysis of the family male contribution in the insertion and professional recognition, complemented by the intervention of the masters in academic formation. This paper has analyzed the trajectory of Pernambuco architect Myriam Pessoa de Melo to see how her professional career was influenced or even directed by her father, son, husband and teachers.

Keywords: Myriam Pessoa de Melo; Modern architecture; Gender.

Resumen

La suma de bienes materiales e ingresos, escolaridad, relaciones sociales y estatus constituye poder y privilegio, es decir, distinción. La teoría de Pierre Bourdieu es ratificada y actualizada por la antropóloga Mariza Corrêa (2003) quien discute la distinción obtenida a través del apellido distinguido, muchas veces heredado del padre, o del marido, cuando se adquiere por matrimonio, reflexionando sobre los beneficios o pérdidas generados por el cambio de nombre. Conociendo la arquitectura desde hace mucho tiempo como un campo mayoritariamente masculino, presentamos, a través de un estudio de caso, un análisis del aporte familiar masculino en la inserción y reconocimiento profesional, complementado con la intervención del máster en formación académica. Analizamos la trayectoria de la arquitecta de Pernambuco Myriam Pessoa de Melo para ver cómo su carrera profesional fue influenciada o incluso dirigida por su padre, hijo, esposo y maestros.

Palabras clave: Myriam Pessoa de Melo; Arquitetura moderna; Gênero.

INTRODUÇÃO

A pesquisa acerca da participação das mulheres no campo da arquitetura muitas vezes se utiliza das teorias de Michel Foucault e Pierre Bourdieu, sobretudo aquelas contidas nas publicações *História da sexualidade* (2017) e *A dominação masculina* (2014), respectivamente. Para tratarmos da inserção no campo profissional e do reconhecimento do trabalho das arquitetas, devido, entre outros aspectos, às questões relacionadas às relações familiares, especialmente entre as mulheres e seus pais, maridos e, em alguns casos, seus próprios filhos, optamos por inserir o aporte complementar de Gwendolyn Wright (2000), Mariza Corrêa (2003) e Beatriz Colomina (2010), além do próprio relato de uma das arquitetas em estudo e de alguns de seus pares.

Considerando o período acadêmico como ponto de grande importância na trajetória de qualquer profissional, faz-se necessária uma investigação adicional nesse ambiente para somar aos aspectos domésticos abordados neste estudo.

Destacamos, como ponto de partida, uma citação do sociólogo francês Michel Foucault (2017, p. 94, no capítulo intitulado “Eu e os outros”, de *História da Sexualidade*, no qual discorre sobre o papel matrimonial afirmando que na Grécia antiga “a mulher ao se casar tinha a transferência para o marido da tutela exercida até então pelo pai”.

Pierre Bourdieu (2007) também nos indica importante chave das relações sociais e familiares em *A distinção*. Segundo o sociólogo francês: “toda estrutura social é um sistema hierarquizado de poder e privilégio, que advém da soma de capitais por ele denominados: capital econômico, cultural, social e simbólico” (BOURDIEU *apud* SETTON, 2010), ou seja, do somatório de bens materiais, escolarização, relações sociais e *status*. A afirmação de Bourdieu é ratificada e atualizada pela antropóloga Mariza Corrêa (2003) que discorre sobre a diferença obtida por meio do sobrenome “distinto” muitas vezes herdado do pai ou adquirido por conta do casamento.

Na introdução da sua obra *Antropólogas e antropologia*, Mariza Corrêa (2003) denuncia a dificuldade de localizar Dina Lévi-Strauss, cujo sobrenome incorporado do seu ilustre marido Claude Lévi-Strauss acarretou o seu tratamento público de “a mulher de Lévi-Strauss” ou como parte do “casal Lévi-Strauss”. A autora apresenta um sem-número de nomes de pesquisadoras que aparecem como “a esposa de...”, pois todas adotaram o sobrenome do marido, fato que dificulta o acesso às trajetórias pelo próprio nome de solteira, nome de estudante.

A partir dessa constatação, a autora lança o conceito de “notoriedade retrospectiva” que apresenta a noção de renome, do verbo renomear, ser nomeada novamente. Para Corrêa (2003), o novo nome adquirido a partir de um certo momento, como o casamento, pode iluminar a vida inteira de um personagem. No caso exemplificado, a notoriedade de Claude Lévi-Strauss iluminou e, ao mesmo tempo, obscureceu a biografia de Dina Dreyfus (Lévi-Strauss).

Renome também significa “excesso de prestígio; boa reputação que resulta de ações e qualidades incomuns; fama”. Dessa forma, as esposas renomeadas por

meio do casamento muitas vezes herdavam a boa reputação que o renomado sobrenome do marido carregava, contudo, “ao serem renomeadas, essas mulheres tornam-se então esposas em primeiro lugar – e são assim também consideradas” (CORRÊA, 2003).

Conforme pontua a autora, no início do século XX, era raro uma mulher pesquisadora em busca de renome, de reconhecimento acadêmico. O mais frequente era se considerar uma “pesquisadora-esposa” ou “uma esposa-assistente” (CORRÊA, 2003). Vale destacar a análise feita pela autora no que diz respeito às possibilidades de atuação e de conseqüente reconhecimento profissional das mulheres nesse campo, o que se dava de duas formas: 1. parcerias com os maridos e 2. herança do renome do pai. Ou seja, a figura masculina pautava as carreiras femininas por meio do nome ou renome.

Sabe-se que, durante anos, o campo da arquitetura foi uma área de formação e atuação majoritariamente masculina. Ao estudarmos as trajetórias de algumas arquitetas, constatamos a importância do incentivo paterno para que suas filhas ingressassem no ensino superior. Outro dado verificado é que muitas arquitetas se casaram com colegas de faculdade, o que tornou a vida profissional delas um campo de interseção entre o doméstico e o público.

Selecionamos a arquiteta pernambucana Myriam Pessôa de Melo (1938), mãe dos arquitetos Flávia Pessôa de Melo e Ricardo Pessoa de Melo, e casada, durante 47 anos, com Vital Pessôa de Melo (1936-2010), representante do *star-system* da arquitetura moderna pernambucana, atuantes no Recife a partir da década de 1960.

De Myriam Cordeiro a Myriam Pessôa de Melo

Myriam Cordeiro foi uma menina branca da classe média, que nasceu e cresceu no Recife, morou em bairros privilegiados e frequentou as melhores escolas da cidade. Recebeu grande incentivo paterno para os estudos, nos quais sempre se destacou como excelente aluna.

Ingressou na Faculdade de Arquitetura do Recife em 1957 e formou-se em 1961, assim como seu marido Vital Pessôa de Melo. Eles se conheceram desde o cursinho preparatório para o vestibular em 1956. Aprovados no ano seguinte, estudaram juntos durante os cinco anos da graduação, sendo Myriam uma das quatro mulheres da sua turma.

A Faculdade de Arquitetura do Recife, desde a sua fundação, admitiu a entrada de mulheres, talvez por sua gênese na Escola de Belas Artes de Pernambuco (Ebat) (1932), associada aos cursos de pintura e escultura, aos fazeres artísticos, nos quais o ingresso feminino já seria considerado natural, o que poderia, portanto, indicar uma predominância de mulheres. Apesar disso, a sociedade local não incentivava as moças a cursar arquitetura, pois entendia-se como uma área de perfil masculino, para “habilidades masculinas”, de modo que, por muito tempo, recomendou-se que elas frequentassem cursos como Magistério ou Enfermagem. Acredita-se que o curso de Arquitetura era bastante procurado pelos homens por

sua forte ligação com a construção civil, inclusive com professores ligados aos cursos de Engenharia.

Entretanto, segundo a arquiteta entrevistada, a recomendação explícita da sociedade da época era para que elas se dedicassem a arranjar um bom casamento. Todavia, Myriam ressalta o apoio paterno como fundamental para ultrapassar as primeiras barreiras sociais a serem enfrentadas por ela que queria estudar, especialmente arquitetura, dado o desconforto pelo qual passaria, tendo em vista que, no caso do curso de Arquitetura, era comum a presença de apenas uma ou duas estudantes (PESSÔA DE MELO, 2016).

Conforme o acesso formal à educação superior não se apresentava como um obstáculo intransponível, pelo menos àquelas para aquelas mulheres pertencentes à elite cultural e econômica da região, o ambiente da faculdade, silenciosamente, diferenciava a presença das mulheres, o que era percebido através de pelas condutas de professores e alunos, pela ausência de docentes do sexo feminino, pela falta de exemplos de arquitetas bem-sucedidas na profissão, entre outros aspectos.

De fato, segundo depoimentos recorrentes, não tão silenciosamente, o arquiteto e professor Delfim Amorim, um dos grandes “mestres” da arquitetura local, tanto no âmbito acadêmico como na atuação como projetista, repercutia padrões que reproduziam uma imagem estereotipada sobre a presença das mulheres aspirantes a arquitetas. Ainda que de forma recreativa, reduzia suas presenças no curso de Arquitetura à convenção social do casamento, afirmando que “as moças só procuravam o curso de Arquitetura para arranjar marido”, dado que o curso era predominantemente masculino.

Como se sabe, durante muito tempo, reproduziu-se a ideia de que a arquitetura era um dom nato, um talento, em especial conferido aos homens. Talvez, por isso, o professor Delfim Amorim se utilizasse da anedota “Mulher para fazer arquitetura tem que ter bigode”¹ para explicitar e reforçar os preconceitos acerca da arquitetura como uma profissão masculina.

Contextualizando no tempo e no espaço da sociedade patriarcal vigente no Recife e ainda em razão da relação hierárquica entre professor e aluno, não se contestava a fala de Amorim. O juízo de valor do comportamento, comum à época, não era objetivado, mas, ao contrário, até naturalizado socialmente por meio do artifício das piadas ou brincadeiras que contribuía para embaçar a realidade do preconceito e a gravidade das discriminações praticadas e vivenciadas no ensino e na profissão. Observe-se que o humor era utilizado como um componente para encobrir a hostilidade, hipótese apresentada no recente livro *Racismo recreativo*, de Adilson Moreira (2019). As falas de Amorim verdadeiramente causaram efeitos no comportamento e na formação das estudantes, tal como verificado nas entrevistas, colaborando para perpetuar sua marginalização.

Certamente, o professor Delfim Amorim não era o único a pensar assim, mas, dentre as arquitetas entrevistadas, nenhuma citou qualquer outro professor que as constrangesse. Não se pretende personalizar o perfil social machista de uma

¹ O artefato denominado “bigode” era uma escova usada constantemente pelos estudantes para limpar os papéis de desenhos.

época na figura de um único professor, mas a ilustração do caso específico, centralizado na figura de Prof. Delfim, é essencial para a compreensão do ambiente de formação das arquitetas e de suas repercussões nas trajetórias acadêmica e profissional das alunas, especialmente por se tratar de um professor da área de projeto arquitetônico, figura medular na formação em arquitetura.

Curiosamente, quando perguntamos aos entrevistados homens, arquitetos e ex-professores, sobre a conduta do Prof. Amorim, eles foram unânimes em atenuar os recorrentes comentários preconceituosos, como se se tratasse de “uma brincadeira, na verdade, uma ‘estratégia’ para estimular as mulheres a provar o contrário, e projetar com a ‘garra masculina’” (SANTANA, 2018), o que de fato, acaba por colocá-los na mesma posição de preconceito e discriminação a respeito da presença e do talento das mulheres na Faculdade de Arquitetura.

Delfim Amorim lecionava “Pequenas Composições”. Como a disciplina era o primeiro contato no curso com o projeto arquitetônico, podemos supor que a trajetória das alunas como projetistas poderia estar de alguma forma comprometida desde o início de seus estudos. Note-se que, tradicionalmente e no Brasil pelo menos até os anos 1970, o projeto de edificações era pensado como espinha dorsal dos cursos de Arquitetura, e o trabalho do arquiteto era especialmente associado e distinguido por seu talento ou sucesso como projetista. As dúvidas e resistências dos meios acadêmico e profissional, de professores e colegas homens, quanto às suas condições de paridade no pleno acesso à carreira, talvez tenham direcionado as escolhas das estudantes mulheres para campos satélites do projeto, como o paisagismo, o desenho de interiores e o *design* ou detalhamento de mobiliário, áreas de atuação nas quais a presença feminina se mostrou preponderante. As disciplinas de projeto denominadas “Pequenas Composições” e “Grandes Composições” – designações herdadas da matriz tradicional da Ebaop – eram o eixo do curso, consideradas como a parte mais preciosa da formação para o fazer arquitetônico, e foram ministradas durante quase 40 anos apenas por arquitetos homens (GÁTI, 2017).

Dessa forma, muito embora Myriam tenha sido estimulada no ambiente doméstico a estudar e tido acesso garantido pelos privilégios relatados, encontrou um ambiente acadêmico preconceituoso. Segundo Myriam, os impactos causados por esse ambiente preconceituoso a afetaram a ponto de evitar seu comportamento natural, exemplificando que, quando, a partir do segundo ano do curso, iniciou o namoro com Vital, evitava qualquer demonstração pública do relacionamento nos corredores da faculdade por causa dos comentários do referido professor.

Myriam Cordeiro destaca ainda que as mulheres, além de serem raridade no curso, estavam em desvantagem também na avaliação dos trabalhos das disciplinas (PESSÔA DE MELO, 2016). O curso de Arquitetura era dado em período integral, os trabalhos de projetos só podiam ser feitos na faculdade, e não era permitido levar o trabalho para desenvolver em casa. Dessa forma, os alunos, quando solicitados para um trabalho de projeto, podiam ficar na faculdade até tarde da noite, inclusive pernoitar na universidade, fato impensável para as estudantes da época, pois “moças de família” deveriam estar de volta à casa antes do anoitecer. Portanto, segundo Myriam Cordeiro, elas tinham que se desdobrar

para que pudessem chegar ao nível de desenvolvimento dos rapazes, já que seriam avaliadas da mesma maneira.

Myriam Cordeiro e Vital Pessôa de Melo casaram-se em 1963 (Figura 1), e, a partir de então, ela adotou o sobrenome do marido e sócio com quem sempre trabalhou, passando a usar profissionalmente o nome Myriam Pessôa de Melo.



Figura 1: Casamento de Myriam Cordeiro com Vital Pessôa de Melo em 1963. Fonte: Acervo da arquiteta Myriam Cordeiro.

A dissertação de mestrado da arquiteta Clara Reynaldo (2013), intitulada *A arquitetura de Vital Pessôa de Melo*, foi acessada de forma complementar. Encontram-se em duas passagens, referência ao nome de Myriam Cordeiro, que mereceram destaque. Primeiramente:

Além dos seus filhos Ricardo e Flávia que vieram a se juntar ao escritório, Vital contou com a *ajuda constante de Myriam*, sua colega de turma no curso de arquitetura com quem veio a se casar em 1963 e com quem *trabalhou lado a lado* no escritório até o final da sua vida (REYNALDO, 2013, p. 133, grifos nossos).

No excerto, percebe-se a ideia de coadjuvante, aquela que “ajudou” o marido, mesmo tendo “trabalhado lado a lado no escritório até o final da sua vida”. Essa citação nos remete ao texto no qual Beatriz Colomina (2010) identifica a relação estabelecida na parceria por meio dos conectivos “e” ou “com”, nos quais o uso do “e” estabelece uma relação de equidade, enquanto o “com” estabelece uma hierarquia.

Na metodologia de trabalho do escritório de ambos, cabia a Vital Pessôa de Melo conduzir as ideias iniciais da concepção do projeto arquitetônico. Essa etapa projetual define o partido arquitetônico, e todas as etapas subsequentes se vinculam a ela. Pode-se dizer que, nessa etapa, o papel de “gênio criador” se constitui. Myriam Cordeiro acabou se especializando na etapa dos *detalhes construtivos dos projetos*. Com seus papéis definidos, trabalharam em harmonia durante mais de 50 anos, até o falecimento de Vital Pessôa de Melo, em 2010.

A página segue com apenas uma citação ao nome de Myriam Cordeiro:

Em conjunto *com sua esposa, Myriam*, estabeleceu escritório e foi responsável por criar obras de grande representatividade na arquitetura pernambucana, podendo-se citar a Residência Emir Glasner, o Edifício Sahara, o Edifício Jean Mermoz e a CELPE (em parceria com o também professor arquiteto Reginaldo Esteves) (REYNALDO, 2013, p. 133, grifo nosso).

O nome da sócia-esposa aparece sem o sobrenome, no entanto um outro parceiro profissional é citado no mesmo parágrafo com a titulação e o sobrenome.

Essas abordagens contribuíram para que o nome de Myriam Cordeiro não tivesse o merecido reconhecimento social como o do marido. Contudo, sem dúvida alguma, seu trabalho e mérito profissional foram amplamente reconhecidos pela equipe e pelos clientes do escritório.

Apesar desse reconhecimento circunscrito, há um fato que chama a atenção, configurado como um lapso, que indica uma “violência simbólica”, sem a intenção de diminuir a importância da arquiteta, mas que contribuiu para a distinção de Vital Pessôa de Melo em relação a Myriam Cordeiro, cujo nome nunca atingiu a mesma notoriedade do nome do marido. Esse fato se confirma na citação da referida dissertação, em sua segunda passagem:

[...] como colaboradores e sócios, Vital teve a mulher, *Myriam Cordeiro Pessôa de Melo*, e os filhos Flávia Pessôa de Melo e Ricardo Pessôa de Melo. Em virtude desta sociedade o escritório passou a se chamar *VRF Arquitetos* no ano de 2003 (REYNALDO, 2013, p.134, grifos nossos).

Apesar de Myriam Cordeiro ser sócia do escritório desde a sua fundação, o VRF tinha apenas as iniciais de Vital, Ricardo e Flávia. Tal situação perdurou até a morte de Vital Pessôa de Melo, em 2010, quando foi necessário alterar o estatuto do escritório. O filho, que aqui aparece como protagonista no papel de dirimir a omissão perpetuada por tantos anos, aproveitou a oportunidade para acrescentar o “M” ao nome do escritório (Figura 2). Significativo simbolicamente, o nome de Myriam Cordeiro só aparece com a morte do marido (PESSÔA DE MELO, 2016).

Segundo Myriam Cordeiro, ter sido esposa-sócia de Vital Pessôa de Melo lhe acrescentou muito profissionalmente, chegando a afirmar que, se não fosse pelo marido, não teria continuado no exercício da arquitetura, pois Vital foi muito importante para o crescimento dela como arquiteta. Questionada sobre seu

sombreamento na história da arquitetura pernambucana, Myriam Cordeiro respondeu com genuinidade: “Posso me considerar muito feliz, dentre as raras mulheres no curso de Arquitetura, ou melhor, no ensino superior, eu fiz o curso que sempre sonhei, e exerci minha profissão de formação, isso já foi muito para uma mulher naquela época” (PESSÔA DE MELO, 2016).

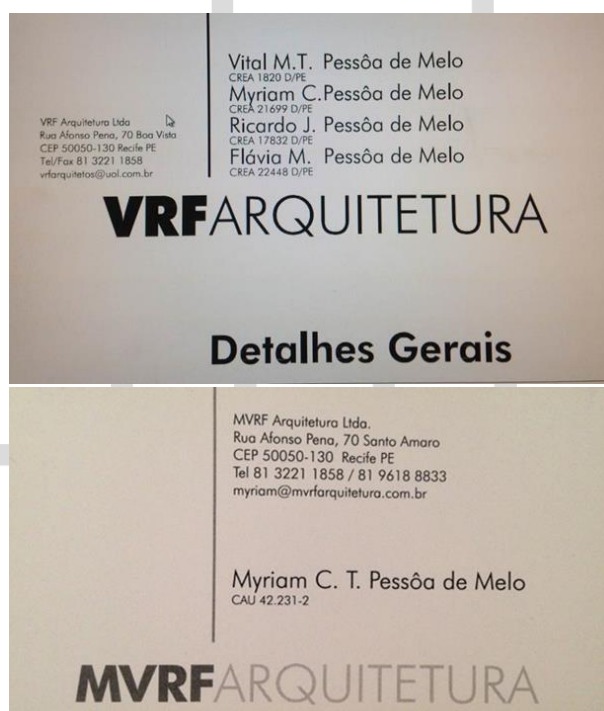


Figura 2: Logomarcas do escritório de arquitetura Vital Pessôa de Melo. Fonte: Acervo da arquiteta Myriam Cordeiro.

ATRÁS DE UM GRANDE HOMEM, HÁ SEMPRE UMA GRANDE MULHER...

Assim diz o ditado popular. Nosso estudo não propõe a inversão dessa máxima que por si só caiu em desuso, mas que por muito tempo pautou e revelou as bases de uma sociedade patriarcal.

Os estudos ditos feministas no campo da arquitetura não estão interessados em inverter os sinais das operações, com o propósito de substituir o papel do dominante por um equivalente do sexo oposto, mas tentam a criação um ambiente de equidade e justo reconhecimento, no qual os diversos papéis dentro do complexo fazer projetual da arquitetura e do urbanismo e de suas áreas correlatas sejam devidamente creditados, a fim de corrigir omissões e gerar representatividade, na qual as mulheres ganharão visibilidade e não apenas atribuições excepcionais. Essas atribuições excepcionais, nocivamente, se apresentam como modelo a ser atingido e acabam por gerar frustrações, dado que são metas muito altas e fora do padrão e contexto da maioria das arquitetas que têm que lidar com suas funções domésticas e profissionais.

A trajetória profissional de Myriam Pessôa de Melo se apresenta como uma carreira de sucesso, conforme tenha usufruído de muitas facilidades. Os obstáculos que se apresentaram não a impediram de exercer seu ofício de formação, e, por isso, ela se considera realizada. As figuras do professor e do marido se apresentaram de forma paradoxal. O primeiro ensinou, mas restringiu o pleno aprendizado. O segundo trabalhou em parceria, com respeito e admiração ao trabalho da esposa, mas limitou o reconhecimento dela. Por fim, nas duas pontas da trajetória, o pai e o filho, um como grande incentivador preliminar e o outro como reparador do seu sombreamento profissional. Conforme apresentado, a presença masculina na vida das arquitetas interfere – positiva e negativamente, social e profissionalmente – nas trajetórias delas. Simbolicamente por meio dos sobrenomes e efetivamente nas suas trajetórias profissionais.

Este artigo se apresenta como intenção de agregar reconhecimento ao trabalho da arquiteta Myriam Pessôa de Melo, que é uma das preciosas arquitetas da história da arquitetura moderna pernambucana.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

COLOMINA, B. With, or without you: the ghosts of Modern Architecture. In: BUTLER, C.; SCHWARTZ, A. (ed.). *Modern women: women artists at the Museum of Modern Art*. New York: Moma, 2010

CORRÊA, M. *Antropólogas e antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2017. v. 3.

GÁTI, A. As questões de gênero no ambiente acadêmico da Faculdade de Arquitetura do Recife. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: A LÍNGUA QUE HABITAMOS, 4, 2017, Inhotim, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Academia de Escolas de Arquitectura e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2017.

MOREIRA, A. *Racismo recreativo*. São Paulo: Pólen, 2019.

PESSÔA DE MELO, M. Myriam Pessôa de Melo: entrevista concedida a Andréa Gáti e realizada na residência da entrevistada. Recife, 16 mar. 2016.

REYNALDO, C. de O. *A arquitetura de Vital Pessôa de Melo*. 2013. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi: 10.11606/D.16.2013.tde-06082013-110327.

SANTANA, G. Geraldo Santana: entrevista concedida a Andréa Gáti e realizada no Café Santa Clara. Recife, 10 maio 2018.

SETTON, M. da G. J. Uma introdução a Pierre Bourdieu. *Cult*, São Paulo, n. 144, mar. 2010.

WRIGHT, G. On the fringe of the profession: women in American architecture. [1977]. In: KOSTOF, S. (ed.). *The architect: chapters in the history of the profession*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 2000.

